

# CINE-JORNAL

ANO I - N.º 49 - 21 DE SETEMBRO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



BETTE  
DAVIS

Leiam o sensacional artigo: ÉCOS DO CINEMA NOS JOGOS OLÍMPICOS

# «Estou casado há mais de dois anos, e ainda não enganei minha mulher» declarou Charles Boyer.

COMO dissemos, Charles Boyer e sua mulher, Pat Patterson, encontram-se em França, a gozar umas merecidas e rápidas férias.

Charles Boyer, a partir de Outubro interpretará, em Hollywood: *History is made at night*, com Jean Arthur; *Maria Walewska*, com Greta Garbo, sob a provável direcção de Clarence Brown; e ainda um filme extraído do romance de Brontë, *Les Hauts de Hurlevent*.

Em Abril, em França, interpretará *Secrets*, cuja realização foi, como noticiámos, adiada para essa data. Charles Boyer confessou aos jornalistas, que, se bem que a nostalgia da pátria, o domine, por vezes, se sente muito bem em Hollywood. Muito embora, acrescentou, não haja aparecido num filme verdadeiramente bom, a sua situação, no meio dos produtores *gambes* raiçou-se, e está agora a ganhar mais do dobro do que quando dos primeiros filmes realizados na América.

Prefere fazer apenas um bom filme, por ano, em França, do que arriscar-se a interpretar quatro, medíocres...

Boyer fez confissões. Para não perder o sabor, transcrevemos, a seguir, parte da entrevista que Boyer concedeu a um grande hebdomadário cinematográfico francês e donde extraimos as suas opiniões, precedentes. Tem a palavra o jornalista:

«Os galgos corriam. Pat, entusiasmado pelo espectáculo, seguia a caça às lebres, visivelmente interessada. Ahsorto, num sonho íntimo, Charles, que sorria melancolicamente, ao sabor de qualquer pensamento, inclinou-se e murmurou:

«— Vou-te confessar uma coisa...

«O meu coração acelerou. Raparigas e mulheres da França, da Europa, do mundo inteiro! Foi em vós que pensei nesse instante. O ídolo ia-me revelar o que escondia avaramente na sua alma.

«— Sou feliz, disse-me.

«E, rejubilando com o despeito causado pelas suas palavras, no meu espírito de jornalista, ávido de «potins» e de histórias escandalosas, prosseguiu, pormenorizando, com alegria, o seu crime:

«— Estou casado há dois anos e meio e nunca enganei Pat. Adoro-a. É deliciosa no viver íntimo. Para que lhe dar desgostos?! Não tenho empenho nisso. E não julguem que seja apenas um horror estúpido de arranjar complicações, que me leva a ser fiel. Não! Sinto-me bem assim!

«Olhei-o. Mentiria?! O grande artista parecia sincero.

«Verifiquei que nas outras mesas, ao pé de nós, as mulheres o devoravam com os olhos, sem que isso perturbasse a sua impassibilidade. Em momento algum, as mimoseou com um olhar ou um sorriso. Não lhes prestou sequer a menor atenção.

«Estive para lhe dizer, sem o envolver em censura, que ele se tornara bom burguês.

«E depois convenci-me de que ele me responderia:

«Se pelo facto de não se enganar a mulher, de se ser calmo, feliz e pacífico, se é burguês. — então, sim, sou burguês».



Heli Finkenzeller ganhou a partida...



Lido Baarova, imagem da Primavera...



Idílio, nos estúdios: Hansi Kroneck e Gustavo Frölich



Maria van Tassnady, uma das mais jovens vedetas alemãs

## A reunião preparatória dos empresários das cinemas do concelho de Lisboa, para a fundação do respectivo Grémio.

No «foyer» do teatro de São Luiz, reuniram-se, há dias, os Empresários dos Cinemas de Lisboa, para tratar da organização do Grémio dos Exhibidores Cinematográficos do Concelho de Lisboa.

Presidiu o sr. João Ortigão Ramos — secretário-geral dos srs. Vicente Alcântara e major Virgílio Costa — que depois de doze dias de trabalhos efectuados pela Comissão de iniciativa, para a organização do Grémio, o que presidiu também, explicou, com grande somo de pormenores, quais as razões que justificam aquele organismo corporativo, dentro do Estado.

Com efeito, prosseguiu o sr. Ortigão Ramos, os empresários das cinemas de Lisboa, não têm, até agora, voz activa, junto dos poderes constituídos, para tratar de quaisquer assuntos que lhe digam respeito. A subsecção da Associação Industrial apenas tem voto consultivo — e nada mais.

Ora o facto é tanto mais grave, quanto é certo que se sobre estarem pendentes várias pretensões que interessam de sobremaneira aos empresários, e que, no caso destes não estarem agremiados, lhes seriam impostos, visto os mesmos, à face da lei, não poderem refutá-los.

Sendo assim, não há outro caminho a seguir senão o de todos se unirem, dentro dos directrices corporativos do Estado.

Seguidamente, deu o palovro ao sr. major Virgílio Costa, que, por sua vez, explicou

quais os razões que levaram a Comissão de Iniciativa a pensar na criação dum Grémio concelhio, e não distrital ou mesmo nacional. Com efeito, os factos aconselham o que, quanto antes, os empresários tenham representação junto dos poderes constituídos — e, assim, optou-se, até o conselho das entidades do Instituto Nacional de Trabalho, pela criação dum Grémio concelhio, que se alargará mais tarde a todo o distrito ou nação.

Como todos estivessem de acordo com estas ideias, o sr. João Ortigão Ramos mandou proceder à leitura do projecto dos Estatutos, que foram aprovados por unanimidade, com pequenas alterações.

O sr. Manuel Albuquerque enviou, por fim, uma preposta, para a mesa, no sentido de serem dados plenos poderes à Comissão de Iniciativa para prosseguir na organização do Grémio, proposto isso que foi aprovado por unanimidade.

O sr. João Ortigão Ramos encerrou a sessão, congratulando-se com o facto elevado como haviam decorrido os trabalhos, e com o compreensão nítida que todos os presentes revelaram no que respeito à necessidade instantânea dos Empresários dos cinemas de Lisboa se agremiarem, facto esse que não poderá deixar de se reflectir benéficamente sobre o classe.

Estavam representados mais de dois terços dos cinemas de Lisboa.

## O duplo de Lederer

Francis Lederer tem um duplo, como todos os outros grandes artistas, que ocupa o seu lugar no *plateau*, enquanto se afinam as luzes e outros pormenores da realização. Mas o duplo de Francis Lederer, que, aliás, se parece muito com ele, tem um nome pomposo: Mohamed Achmed Aga Sobhy Effendi Baeri Joulandi Sabuni.

Francis Lederer impôs-lhe uma única condição para o admitir: passar a chamar-se apenas Victor Sabuni...

## Segundas nupcias...

Hollywood. Joan Crawford conversa com Clark Gable.

«Como é que queres que um segundo casamento não seja feliz — dizia Joan — se se tem já a experiência do primeiro.

Clark Gable respondeu irónicamente:

«— Ora!... Se os primeiros casamentos fossem experiências concludentes, nunca haveria casamentos em segundas núpcias...»

## Alfredo Simões Dias

Comemorou-se há dias, o primeiro aniversário da morte de Alfredo Simões Dias, espírito invulgar, definido por excepcionais qualidades de inteligência e de carácter. Na sua rápida passagem pelo jornalismo cinematográfico, Simões Dias marcou pela vastidão da sua cultura, pelo brilho da sua pena, pela imparcialidade da sua visão critica, depurada e superior.

Evocando a sua memória, Cine-Jornal presta-lhe a sua homenagem de saudade.



Lina Pesce, compositora brasileira, autora da partitura do filme «Favela dos meus amores»



Luise Rainer, jogadora de «tennis»

## Desespêro...

*Pour Vous* conta esta história, com visos de verdade:

«Uma jovem artista havia sido indicada para realizar um papel importante, num filme que um dos nossos simpáticos cineastas devia realizar com a colaboração dum escritor e conferencista muito conhecido, autor dramático, também, nas horas vagas. Ora a jovem artista foi substituída por uma das nossas vedetas mais em voga. Com o desgosto, Mlle F... lançou-se à água. Felizmente, pôde ser salva».

Se a moda pegasse entre nós, a pesar-de só longe em longe realizarmos filmes, o Tejo seria pequeno para recolher, no seu seio, as ilusões desfeitas...

## Um "reçuerdo"

Em Hollywood procedeu-se à venda, em hasta pública, dos objectos que pertenceram a John Gilbert. Marlène Dietrich mandou um dos seus agentes comprar a colcha pertencente à cama do actor, e que lhe custou 300 dólares.

Muito embora houvesse objectos de valor no espólio do famoso intérprete da *Grande Parada*, Marlène apenas se interessou pela colcha, de valor material insignificante.

Marlène passava por ser uma das maiores admiradoras de Gilbert.

## Freddy Bartholomew foi vendido em pequeno por mil libras?

**V**OU contar-lhes hoje uma tragédia íntima: a de Freddy Bartholomew. Creio que os leitores acordarão em que se trata de uma pessoa eminentemente interessante. Penso até que podia assegurar sem receio que conta com 100% da simpatia dos nossos cinéfilos e cinéfilas.

Ainda deve estar na memória de todos a excelente interpretação de Freddy em «Ana Kareuina» e tudo me leva a supor que Tolstoi, cuja ternura não admite comparações, aplaudiria Serge com entêlo se, para mal do mundo o não tivesse abandonado, certa manhã naquela solitária e lugubre estação de Yasnaia Poliana.

Parece-me ainda ouvir os gritos de contentamento de Serge ao ver Ana e a emoção desta, que não envolvia uma alegria menor...

Pois Freddy Bartholomew tem também a sua tragédia. Uma tragédia real e não produto do espírito de Tolstoi. Aos cinco anos venderam-no por mil libras! Querem melhor?

Sim, o brilhante protagonista de «David Copperfield» e do «Pequeno lord Fauntleroy» foi, em 1929, ano de crise em que seus pais olhavam o futuro com horror, objecto de um mercado ilícito que no futuro se lhe tornou altamente rendoso. Uma tia comprou-o com tanta facilidade como poderia adquirir uma jóia ou um chapéu.

Freddy que, à época, demonstrava já grandes dotes interpretativos, traduzidos em pantomimas que faziam delirar a garotada da vizinhança e até os crescidos, passou, graças a um punhado de libras, das mãos de seus pais para as de uma tia, cujo nome lembra o daquela rainha de quem Shakespeare tão seduloramente nos fala em «Romeu e Julieta»: Mabel.

Foi pois a tia Mabel quem, pensosamente, mas sempre com inabalável esperança, percorreu na companhia de Freddy os estúdios ingleses, em busca de uma oportunidade que lhe permitisse realçar os predcados do sobrinho. Para isso, não hesitou em empenhar todas as suas economias na indemuização entregue, em notas novinhas, aos pais de Freddy, e em abandonar a paz da sua casa para mergulhar no caos babilónico das Cinelândia.

Com uma paciência evangélica a tia Mabel foi pesquisando, argumentando e batalhando até que, um dia, Freddy alcançou um pequeno papel. Porém, isto não chega. Mabel exige mais. É insiste. Tanto, que consegue o seu almejado sonho: Freddy desempenhará «David Copperfield».

Dai por diante, os êxitos sucedem-se. Os ordenados de Freddy elevam-se já a 1.250 dólares por semana. Porém, gasta apenas seis. O resto é para ameaçar em banco seguro, inquebrável...

Os empresários disputam-no já. Rivalizam nas ofertas. É uma loucura. Tudo parece passar-se no paraíso. Dá-se entêlo o inesperado, que obriga a tia Mabel a entrar violentamente em contacto com a realidade.

Aparecem o senhor e a senhora Cecil Læwelyn Bartholomew a reclamar o seu legítimo filho. Perante os dólares em catadupas, adeus tia Mabel que te estafas a construir a glória de Freddy, adeus libras de deste pelo seu resgate, adeus compromissos. Os papás mostram-se ultra-exigentes, imperativos e ameaçadores. Falam em rapto, em chantagem, em sequestro. As autoridades do estado de Califórnia recebem um telegrama que as alarma. É um escândalo.

Intervem então o juiz White que interroga Freddy, o qual não regalacia elogios à tia Mabel. Foi ela quem o obrigou a estudar dieção, quem lhe procurou os primeiros contratos em Inglaterra e



Doce, angelical — eis Norma Shearer, no papel de Julieta, da filme «Romeu e Julieta»

quem organizou a viagem a Hollywood, qu elão frutifera se mostrou.

Perante tais declarações, o juiz não hesita. Confirma a tutela da tia Mabel por mais seis meses. O sr. e a sr. Bartholomew contestaram. A tia Mabel respondeu ao ataque e hoje Freddy, perante rufas de papel selado, sentenças, despacho, se contra-despachos, interroga com ansiedade se tudo aquilo será por amor dêle... ou dos seus dólares. OPERADOR N.º 13

## A prova

Jeane Helbling, a linda estrela francesa, perguntou, um dia, a Yves de Mirande:

- Ouve lá. Que tal achas Fulano?..
- ...Um imbecil!
- Sabes?! Quis casar comigo.

## A morte de Irving Thalberg

Irving Thalberg morreu. Os telegramas dos jornais, no seu laconismo, limitaram-se, apenas, a noticiar o falecimento do célebre produtor, uma das personalidades mais em destaque no meio cinematográfico yankee. Thalberg não era um nome familiar dos cinéfilos. Raras vezes aparecia na tela, na lista tantas vezes interminável dos colaboradores dos filmes. No entanto, grande parte do êxito por eles alcançado, deve-se-lhe inteiramente.

Irving Thalberg, com efeito, era o tipo do *producer*, inteligente e ordenado, que fabricava conscientemente os grandes «tiros». Foi ele que impulsionou a produção da Metro-Goldwyn-Mayer, e que, em grande parte, lhe deu aquela «classe» que hoje a distingue. Dois filmes produziu, ultimamente, e que são duas afirmações notáveis do seu talento: *Revolta a bordo* (*Mutiny on the Bounty*) e *Romeu e Julieta*.

Thalberg era casado com Norma Shearer, de quem tinha duas filhas, uma delas de meses. Casal feliz, bem diferente da maioria dos casais yankees, apontava-se como modelo, como uma excepção quasi, em Hollywood.

Com um tacto infinito soube rodear sua mulher dum prestígio formidável, só comparável ao que Mary Pickford teve noutros tempos. Era uma cabeça, em toda a acepção da palavra.

Thalberg morreu novo. E, coberta de negro, a mais linda mulher de Hollywood, chora o companheiro que perdeu, a quem deve a sua felicidade e a sua situação invejável de vedeta célebre e amada.

## Kiepura, o caprichoso

Quando Kiepura chegou a Hollywood armou em rapazinho caprichoso e declarou que se não submetia à disciplina do estúdio.

«Um grande actor como eu—declarou— não pode sujeitar-se a regulamentos rígidos e entrar a horas como qualquer empregado subalterno.

Ernst Lubitsch chamou-o ao seu escritório:

«Sr. Kiepura, disse-lhe, lamento ter que chamá-lo à ordem. Desde que está aqui, faz somente o que lhe dá na cabeça. Chega ao estúdio às onze da manhã, ausenta-se três horas para almoçar e, ainda por cima, não segue as indicações do seu realizador. Isto tem que mudar...

—Queira falar doutro modo, replicou o tenor. Se procedo assim—é porque posso fazer. O meu contrato liberta-me de todas essas obrigações. Queira ler.

Lubitsch percorreu rapidamente o papel e voltou:

—Está, com efeito, no seu direito. O contrato não prevê o caso. Mas se continuar assim, garanto-lhe que não cantará, no seu próximo filme.

—Não cantarei? Mas está a brincar...

—Queira ver: o contrato não nos obriga a fazê-lo cantar, nos filmes que realizarmos.

Após este colóquio, Jan Kiepura, afirmasse, passou a ser o mais dócil dos artistas...

to os seus berros para contemplar com um sorriso troista a intrusa que se atreveu a interrompê-lo. E, persuadido de que está a falar com alguma doída, pergunta-lhe:

—Que é, «girls»? quere apresentar alguma queixa?

—Vou caular...

—Não vai caular—corrige o Sima paternalmente—vai para a rua, e já!

O empregado enche os pulmões para repelir em voz alta as palavras do patrão, mas não chega a pronunciar uma palavra, porque Marika tira do bolso uma carta que desarma por completo o encenador, porque é do próprio punho do americano excêntrico, que recomenda vivamente a nova artista aos cuidados do encenador. O empregado calou-se; o caso afinal não é com ele; ele só está ali para berrar e fazer o que o outro lhe manda...

A cena é interrompida pela voz de comando de Jacoby, realizador do filme. Dá o trabalho por findo! Os projectores apagam-se, e Marika nem sentir-se ao meu lado. E então, começa a explicar-me o seu novo papel.

—Confiram-me um papel que se desenhava um ambiente com que estou familiarizada desde os meus tempos de criança. Neste novo filme há um teatro de revista, cenas de acrobacia e de equilibração, alta escola, exercícios de trapézio, enfim um assunto alegre em que a rapidez e a ousadia dos americanos levam tralôs de polé, mas sem maldade, é claro.

—Falam dos seus tempos de criança...

—Sim, porque eu em criança já era uma espécie de prodígio: sabia andar a cavalo, e no circo de Budapest dava cambalhotas, dançava na ponta dos pés, e fazia habilidades que agradavam tanto que o meu nome até vinha nos jornais. A minha entrada no cinema data daquela noite em que o director Correll, da Ufa, me viu numa grande revista de circo que se representava num grande teatro de Viena, e que também passou pelos palcos dos teatros alemães. Foi então contratada para o filme *Leichte Kavallerie* (*Cavalaria ligeira*); depois fiz a protagonista em *Heisses Blut*, e no último filme de Jacoby *Bettelstudent* (*Estudante-Mendigo*) decalcado da ópera de mesmo nome, fiz o papel de Bronislawa. Agora, como vê, trabalho novamente numa revista: desta vez, porém, é uma revista cinematográfica.

—Então não principiou a sua carreira no teatro, mas sim...

—Mas sim nas salas de dança e de circo, e também no circo, onde aprendi equilibração. Curiosa mistura, não é? Mas teve que ser e foi completada com um curso de arte dramática em Budapest, e em Viena, como já disse, também fiz teatro. Esta mistura tem aliás as suas vantagens.

—Sem dúvida.

—Vantagens não somente sob o aspecto prático, como também psicológico. Não serei eu, por exemplo, quem ostentará ademanos de grande artista, de «estréla». Aprendi muito cedo, com os meus pais, as alegrias e as tristezas do circo, e a pesar de ser muito nova, nem por isso deixo de ser uma pessoa com experiência, uma experiência que se manifesta na minha afeição pelo teatro e pelo cinema. O meu novo papel revela também um pouco desse entusiasmo honesto pelo arte.

Vai começar outra cena. Os projectores mudaram de posição; o palco povoou-se de «girls» e artistas às quais Sima, o encenador, vai apresentar a nova estréla do seu teatro.

O realizador dá as suas ordens. A luz dos projectores cai em cheio sobre o palco. Sósinho, na minha poltrona, preparo-me para assistir ao «espectáculo» com a impressão de que estão a representá-lo para mim.

Berlín, Setembro, de 1936.

MARIO HEIL, DE BRENTANI

(Especial para «Cine-Jornal».)



“CINE-JORNAL” EM BERLIM

## CONVERSANDO COM MARIKA ROKK

M AIS uma vez, talvez pela milésima vez, o estúdio monumental da Cineândia de Neuburg apresenta-se-nos sob um novo aspecto. Outro dia, quando fui falar com o produtor Max Pfeiffer, encontrei-o no vestíbulo de um grande hotel de Nova York. Hoje, fui encontrá-lo no mesmo sítio, mas na plateia de um grande teatro, e das decorações magníficas do hotel não resta uma única trave. Sentei-me numa das confortáveis poltronas da improvisada plateia e puz-me a observar o palco, onde o actor Oscar Sima barafustava com uma jovem actriz, conforme manda o argumento do filme, enquanto um sujeito alto e magro ia repelindo por traz de Sima tudo o que ele dizia, mas um pouco mais alto, todo cheio de importância.

Marika Röck fez-me do palco um sinal:

—Eu vou já; o Sima tem que ir amanhã embora para cumprir outro contrato, e por isso estamos filmando as cenas dele.

Jacoby, o realizador, parece que está satisfeito com o ensaio. Sima ralhou decentemente, o seu empregado falou-se de berrar, até que o outro o mandou

embora, e como tudo bideu certo, vai começar a filmagem a sério. Jacoby dirige-se a Marika Röck.

—Ade, Marika.

É Marika, despenhada e ligeira como um andorinha corre para o palco, onde se está preparando uma grande revista, que há-de assombrar o público de Nova York. Ela entra precisamente no momento em que Sima está no auge da indignação. Ao ver-se interrompido no melhor dos seus berros, Sima perde a fala, e até o empregado estalou perplexo.

—Senhor director—diz a pequena com um sorriso—quero que veja como eu sei caular.

Marika Röck faz neste filme, que se chama *Und Du mein Schatz fährst mit* (É tu, meu amor, irás comigo), o papel de uma jovem baíarina que um americano excêntrico contratou para Nova York, depois de ter comprado um teatro de revistas; e como é rico, pouco lhe importa que o encenador concorde ou não com os contratos que ele faz.

—Fui contratada na Europa para cantar aqui, e hei-de cantar—acrescenta Marika, imperturbável.

O encenador esquece por um momen-

# COMO SE TOMA UM BANHO DE SOL...

FOTOS «POSADAS»

POR

ARLINE JUDGE



**G**RITA, agora, a trombeta da fama, para os lados do Novo-Mundo, o nome duma actriz filha da Europa e por cá iniciada nos mistérios dessa religião universal que é o cinema.

A inesgotável fonte de processos da publicidade americana descobre, por todos os cantos, temas, assuntos palpáveis, aventuras e escândalos que aplica à propaganda daquele nome — o nome, como eles dizem, que mais vai ser pronunciado no ano de 1937.

Quem é ela?  
Simone Simon.

Em letras fulgurantes, de cores mágicas, e em arranjos de fantasmagoria luminosa os telhados de Broadway, noite e dia, mostram, aos olhos do Mundo, o nome da que todos os jornais chamam a maior revelação dos últimos tempos.

Num abrir e fechar de olhos, as montanhas de Nova-York trasbordaram de camisas, lenços, fatos de banho, frascos de perfume, caixas de pós de arroz, onde a marca é só uma, a mesma: Simone Simon.

\* \* \*

Se os americanos são, sem dúvida, os mais arrojados e os mais originais propagandistas, também é verdade que ninguém como eles é mais crédulo, mais facilmente entusiasmável com os parangons de qualquer campanha de publicidade. Há, contudo, lá como em toda a parte, o público indiferente, o cético, que aguarda serenamente a lição dos factos, que cumpre o dever para crer no S. Tomé e só depois se manifesta.

Pois até esse público apunhalado, agora, de chofre, está preso, não digo de entusiasmo, mas pelo menos de interesse, de curiosidade. Até à multidão dos indiferentes, que desdenham campanhas eclamantes, os agentes de publicidade conseguiram fazer perguntas:

— Mas quem é essa Simon?

«Mistério», respondem-lhe. E acrescentam — «é a maior revelação do ano da graça de 1937».

# SIMONE SIMON

Que outra coisa estimia mais o mundo dos homens que revelações?

\* \* \*

Em melhores condições de analisar os factos, primeiro porque estamos mais longe daquele fogo entusiasmante dos carlazes e depois porque já a conhecemos — nós, europeus, nem por isso deixamos de nos seduzir e de aguardar, abarrotados de curiosidade, a «revelação» da nossa conhecida Simone Simon.

E este interesse deria, especialmente, da maneira desusada, original nos processos americanos, de lançar mais um nome para os exames da celebridade cinematográfica — de repente.

\* \* \*

Fêz-se o nome duma Greta Garbo, dando-lhe boas companhias, quando a de triunfo em triunfo, tecendo à volta dela uma mitologia nova. Criaram-se vários nomes célebres, aos poucos, misturando os escândalos com os bons filmes. Tanto «Kat» Hepburn como Ginger celebrizaram-se caminhando de sucesso em sucesso.

Esta rapariga, engraçada mas não bonita, que passa anos de luta incessante com a família para representar no teatro, consegue, aos poucos, chegar onde quer. Triunfa, depois, no cinema francês. Os americanos roubam-na, à força de dólares e promessas, depois de a terem notado em «Lac aux Dames»



(Lago do Amor). Contratada pela Fox espera meses sem fim que lhe distribuem um papel para se impor — mas nada. Ao fazer-se a distribuição de «Sob duas Bandeiras», é indicada para heroína — mas, em seguida, trocada por Gludette Colbert. Ah! que pragas teria a Simone desprezada rogado à sua feliz compatriota. . .

Dois anos passados a América é cada vez mais hostil, sente o meio mais e mais agreste, advinha sorrisos e — quem sabe? — olhares de desprezo.

Pensa em voltar para a França, embora não desconheça que o seu prestígio já está fortemente abatido — vinte e dois anos dão-lhe muita força para reconquistar terreno que o esquecimento dos americanos lhe fêz perder.

Como que por descarga de consciência não a deixam partir sem lhe entregar mais um papel. Simone sente bem que «aquilo» é uma experiência mas está resolvida a calar as bocas do mundo.

Filmam-se as primeiras cenas de «Girl's Dormitory» e, enquanto uma Garbo, uma «Kat», a Ginger, todos os outros foram lançados aos poucos, a publicidade americana, num choque brusco, desperta toda a gente, grita para todos os lados, de canto a canto da América, em ecos por todo o Mundo: «Simone Simon é a maior revelação de 1937».

\* \* \*

E ela, a cantadora «Puck» do «Lago do Amor», presentemente nas azas da glória, deve recordar os tempos difíceis da sua vida em Marselha, escondendo os escondidos dos pais, pequenas personagens para rêmicas de amadores, um pouco mais tarde, para teatro «a sério». Era ainda tão nova... Hoje mesmo tem só vinte e dois, não se esquecendo que os dois, com que ultrapassu a vintena, foram os mais infelizes da sua vida, os mais dolorosos e desesperantes, cheios de angústias, de desesperos e até humilhações, como a de lhe tirarem um papel previamente distribuído.

Mas a América reabilita-se e, generosamente, procurando reconfortar de maneira pródiga a bela ofendida, futura fonte de dólares que ela quasi deixara

secar, ignorando-a dois anos, depois de a ter descoberto.

\* \* \*

Vimos Simone Simon em vários filmes franceses, pois, além do «Lago do Amor», a que já nos referimos, passaram nas nossas telas «Le Roi des Palaces», «Estrêla de Valências», «Olhos negros», etc.

No fim dum balanço que procuramos tornar o mais consciencioso possível, pede-nos perguntar:

— Ela poderá ser a maior revelação da temporada, com a ajuda dos «meztres» americanos?

Hesitamos... Porque ser revelação num meio tão cheio de talentos é algo de difícil.

No entanto, e aqui está o nosso juízo definitivo, tendo em linha de conta que presentemente, por sua causa, correm na América rios de dinheiro, que os telhados de Broadway repetem o seu nome dia e noite, que os jornais a levam a toda a parte, que se lançam milhões de fotografias a correr mundo, que a maior organização de publicidade mundial está encarregada de esgotar os seus processos para fazer célebre e não esquecendo que, nestes e em muitos outros assuntos, os americanos têm, como mais ninguém, a antevisão dos factos — Simone Simon deve, realmente, ser a grande revelação de 1937.

FERNANDO GARCIA

# Para além do Riso...



**E'** indispensável conhecer a vida privada dos actores, os seus inícios e as suas lutas, para bem aquilatar o seu valor. E se isto é verdadeiro, no caso geral — mais é no caso particular dos actores cómicos, onde o riso, húmido das lágrimas, se tornou mais humano, mais patético, pela recordação dos longos anos de pobreza, pela evocação da fome, do frio e da miséria, do desespero e ansia de suicídio, a que o sentido cruel do cómico se opunha como um antídoto.

Muito tempo antes de se «encontrarem», as vidas de Laurel & Hardy foram em absoluto semelhantes. E devemos buscar aqui uma das razões que contribuíram para os identificar, para o dom de se se compreenderem e completarem mutuamente, factor n.º 1 do seu triunfo como actores.

Como Charlot, Stan Laurel nasceu em Inglaterra e começou a sua carreira no «music-hall». Desprotegido da sorte, baldeado de cidade para cidade, filho de dois profissionais do palco, criado no meio do papel pintado e dos cenários bafientos — tudo parecia indicar que Laurel não encontraria resistência no seio familiar para seguir a sua vocação irresistível. E assim teria sucedido, de facto, se ele se houvesse limitado a querer ser apenas um actor como seu pai opôs um veto formal a essa ambição de ser um cómico. Um cómico! O pai opôs um veto formal a essa ambição que considerava quasi deshonrosa para o seu nome. Sem esperar uma reviravolta do seu espirito, Stan abandonou a casa paterna e fugiu para Londres. Tinha apenas 10 anos!

As suas atribulações começaram logo. Se bem que fôsse já um mimico notável, teve que ir procurar emprego nos teatros cujos empresários não fossem amigos de seus pais — e que eram muitos. Tanto mais que sabia que, se fôsse descoberto, tratariam, desde logo, de o mandar para casa. A família, chorosa, procurava-o por toda a parte.

Durante quasi dois anos jogou às escondidas com os seus. Tinha por cama os bancos dos jardins públicos londrinos — e depressa aprendeu o cantinho das cozinhas económicas, que distribuíam refeições gratuitas.

Um belo dia, a sorte, alé ai tão adversa, «mareceu humanizar-se». Assinou um contrato para representar, na Holanda, num circo ambulante. A alegria foi tanta — que nem reparou numa pequena cláusula do contrato: «No caso de chover, não se pagam salários».

E durante três semanas, após a sua chegada ao país das tulipas e dos moínhos de vento, os céus, impiedosos, descargaram toneladas de água sobre as ilusões do pobre Laurel. Teve que começar a sua vida: de porta em



porta, a tremer de frio, um bocado de pão duro na algibeira — assim passou muitas noites tempestuosas.

Lembra-se vagamente de, certo dia, de súbito, haver perdido o conhecimento do que o cercava. Quando despertou — estava num hospital. Em pouco tempo, o conchego dum cama fôa, a boa alimentação e os cuidados de saúde levantaram-lhe as forças. Soube, então, que o iam repatriar e entregá-lo à família. Fugiu, pela segunda vez, escondido a bordo dum veleiro que fazia a travessia da Mancha. E voltou a Londres, mais pobre do que partira.

Novas surpresas lhe estavam reservadas. O pai encarregara um detetive particular de o procurar. Isto condejava-o a uma obscuridade, pouco propícia ao êxito teatral. A roda da fortuna havia de andar! E Laurel conseguiu um contrato na *troupe* de Fred Karno, que tinha Charlie Chaplin como vedeta. Pagaram-lhe três shillings por dia: uma fortuna.

Em relação a Oliver Hardy, a sorte não foi mais misericordiosa.

Seu pai, proprietário dum pequeno hotel em Madison, no Estado da Georgia, morreu quando ele tinha 18 meses e a mãe, na impossibilidade de explorar o negócio, já muito comprometido com hipotecas, teve que o transacionar — e retirou-se para Allante, com a numerosa prole, para viver o calvário das viúvas sem meios, e com muitos filhos... As duras realidades da vida afiguram Hardy, desde a idade dos cinco anos. Alé essa idade, com efeito, a mãe conseguira fazer uma pequena árvore do Natal, com brinquedos baratos, para a pequenada. Aos cinco anos, teve a primeira grande desilusão: a árvore do Natal não se fez.

Aos seis, vendia jornais e ganhava uns patacos mais, cantando canções em voga. E quem o ouvisse quatro anos depois, ficava admirado da sua bela voz de tenor, que sobressaía num quarteto de músicos ambulantes. Estes não o tratavam bem. Batiam-lhe, faziam-no passar fome. Hardy desligou-se da sociedade e começou a cantar pelos cabarés. Graças ao seu físico avantajado pôde iludir os empresários que o contrataram sem as dificuldades formalidades que impendem sobre os menores, que pretendem fazer carreira nos tabladados americanos.

Ainda quis tentar formar-se em Direito, na Universidade de Georgia, mas tudo em vão. Regressou a Nova-York. Broadway não foi acolhedora. E voltou-se ao cinema.

Foi então que uma pneumonia, apañhada durante uma tempestade de neve, quando regressava, a pé, do estú

(Conclui na pag. 15)

# ECOS CINEMATOGRAFICOS

«Cine-Jornal» honra-se de publicar esta série de artigos, que hoje se inicia, e nos quis o sr. dr. António de Menezes relata a sua viagem a Berlim, durante os Jogos Olímpicos, na parte que se relaciona com o cinema. O sr. dr. António de Menezes, espírito inteligente e culto, esforçado paladino da causa do cinema de amadores e director da Secção de Cinema do S. P. N. — onde tem desenvolvido uma acção notável — vai interessar vivamente os nossos leitores com as suas crónicas, cheias de brilho e de cor.

ENQUANTO corriam o seu curso os Jogos Olímpicos de Berlim, não perdi o contacto com o meio cinematográfico, assistindo às reuniões do Juri do V Concurso Internacional de Filmes de Amadores, ao qual pertencia como delegado de Portugal, colaborando no II Congresso Internacional do Cinema de Amador, acompanhando os delegados estrangeiros nas suas visitas à Secção de Aparelhos Cinematográficos da Fábrica Siemens, à oficina de inversão do filme de formato reduzido, da Agfa, ao estúdio da Ufa, etc.

Também, nos Jogos Olímpicos, segui de muito perto as filmagens e observei a aparelhagem usada, na sua grande parte novas criações da técnica alemã: li o que os jornais e as revistas publicaram sobre o registo cinematográfico das provas e filmei em película Kodak de 16 mm., tudo quanto apanhei ao alcance da minha câmara e que pudesse, mostrado em Lisboa, interessar aqueles que frequentam as sessões mensais do Cinema de Amadores no Grémio Português de Fotografia (Sociedade de Propaganda de Portugal). Conseguí, assim, formar um documentário que está em trabalhos de montagem e que deve ser exibido, possivelmente, na primeira sessão desta época, no Grémio Português de Fotografia, que deverá realizar-se no começo de Novembro.

A parte importante deste documentário cabe às regatas olímpicas de Kiel e ao ambiente de desporto náutico em que naquele porto da marinha de guerra alemã se vivia então. Como chefe da equipa portuguesa de Vela, segui metro a metro todas as regatas e dispus de toda a liberdade para, dos barcos do juri, dos rebocadores da Imprensa, dos fotógrafos ou dos operadores cinematográficos, filmar o que me apeteceu.

O documentário que apresentarei resente-se de duas más condições: a primeira, a das dificuldades da luz, muito diferente da nossa e pouco minha conhecida, variável por efeito das nuvens e dos aguaceiros, e quasi sempre oxigénica, na semana de inverno e de temporal em que se realizaram as provas; a segunda, a da falta duma tele-objectiva que compensasse o afastamento, a que a natureza do assunto me obrigava, do local das viragens de balizas e das metas de partida e chegada. As nossas objectivas de distância estão em trabalho de adaptação a uma nova câmara, na Fábrica Kodak, de Rochester, e tivemos que nos contentar com a objectiva vulgar de 25 mm. de foco, que mantém os «yachts» um pouco longe da nossa observação detalhada.

Neste documentário procurámos, tanto quanto possível, tornar o assunto variado, quer à custa dos motivos filmados, quer da sua montagem. Desde o começo da viagem da equipa portuguesa de Vela, vamos

o embarque do «star» «Vikings», que disputou as provas com a nossa bandeira, a vida dos velejadores portugueses a bordo do paquete «Tanganika», as escalas em Southampton e Antuérpia, a chegada e a recepção festiva em Hamburgo. Depois, Kiel, o porto, a doca dos «yachts» concorrentes, a população alvoroçada, as equipas estrangeiras, as regatas de ensaio.

A seguir, a partida para Berlim, aspectos do movimento da cidade, da pista olímpica de remo em Grünau e as visitas dos Congressistas do Cinema de Amador ao Estádio, com o ensaio duma festa nocturna, a passagem pela Ufa, onde tive ocasião de falar com Lilian Harvey — e de trazer na minha câmara cinematográfica —, a inauguração dos Jogos Olímpicos, cujo desfile me foi impossível filmar por não ter tomado parte e ser proibido o acesso de câmaras à pista. Finalmente, aspectos vários da piscina e da aldeia olímpica em Döberitz.

Voltamos, no meu documentário, a Kiel, e assistimos à inauguração dos Jogos Olímpicos de «yachting», festa que se realizou de noite, sob chuva miudinha e à luz de archotes e de projectores dos navios de guerra. Tive que utilizar o material Super-Sensitivo Kodak que permitirá, a quem vir o filme, fazer uma ideia do que foi a chegada do facho olímpico virido de Berlim, a sua entrega ao Almirante e a sua pas-

sagem à nau hauscática em que ardeu durante os dias das provas.

Vêm depois as bobines que mostram seis das sete regatas que constituíam a disputa das medalhas e campeonatos olímpicos. Na primeira regata, nada pude fazer porque a chuva constante e intensa impediu-me de tirar a câmara do saco impermeável, além de suceder que a visibilidade não passava de 50 a 60 metros, e não permitia divisar os concorrentes.

De novo em Berlim, sentado num lugar da tribuna de honra a que a categoria de chefe de equipa olímpica dava direito, tinha um excelente posto para ver, pelos meus olhos e pela infelizmente única objectiva do meu Ciné-Kodak K, as provas de caça, que era justamente o último, o do «Percurso de Caça» dos cavaleiros. Essa bobine do meu documentário, é dedicada aos três cavaleiros portugueses que obtiveram a medalha de bronze, levantando o nome e a bandeira de Portugal.

Os percursos do tenente Mena e Silva, o marquês do Funchal e do tenente José eltrão são reproduzidos em pequena escala mas completos, desde a sua entrada na pista até à saída. Segue-se a cerimónia da distribuição dos prémios desse dia, a subida da bandeira portuguesa no mastro de honra — já feita de noite, sem filme dequado, e portanto bastante deficiente —

# DOS JOGOS OLIMPICOS



Uma imagem alegórica da Alemanha hoje, forte e dominadora



o o encerramento dos Jogos, solene e altamente emotivo.

Dos Jogos Olímpicos passamos por Berlim já normalizada a uma excursão promovida pela casa Bayer, às suas enormes fábricas de produtos químicos e farmacêuticos em Lovorkusen, e um passeio no Reno, sombrio e enevoado, como na trilogia wagneriana, com ranchos de rapatigas renanas e do Mosel, em trajos regionais, terminando por um fogo de vista sobre as águas do rio mais lendário do Mundo, a catedral de Colónia em recorte luminoso.

Vem então um «intermezzo» ligeiro, o da minha visita ao acampamento internacional dos estudantes, onde 30 rapazes da «Mocidade Portuguesa» fizeram uma excelente propaganda de Portugal e foram alvo de elogios entusiásticos. Portaram-se tão bem esses nossos rapazes, que resolvi dedicar-lhes uma bobine de filme, para que os seus parentes e amigos possam avaliar como era o seu acampamento e para que eles próprios possam recordar horas das quais, por certo, irão ter saudades.

Assistirão aos seus exercícios e folguedos, a uma refeição, aos trabalhos na baraca, à convivência com os camaradas de outras nações, etc. Não deixa de ser curiosa — modestia à parte — esta bobine do documentário...

Então, é já o regresso, Hamburgo e o Alster, romântico sob um sol de outono precoce, e finalmente o paquete que nos trouxe a Lisboa, onde há um assalto realizado a

bordo entre atiradores da equipa olímpica portuguesa de esgrima, a paragem episódica em Leixões, a entrada no Tejo...

\* \* \*

Podem os frequentadores das sessões do Grémio Português de Fotografia contar com duas horas e meia deste espectáculo, e estou certo de que não darão o seu tempo como perdido.

Por deficiente que o documentário seja — e não se pode esperar muito de assuntos filmados precipitadamente por um amador de fracos recursos — o assunto impõe sempre interesse.

O «Cine-Jornal» quis ter a bondade de aceitar o papel de «Guia» do documentário, permitindo as minhas descrições e comentários à margem das bobines desse filme-passatempo, nos assuntos que mais se relacionam com o cinema. Vão os seus leitores ter ocasião de saber, nos artigos que se seguem a este, o que foi o V Concurso Internacional de Filmes de Amadores e o II Congresso de Cinema de Amador, como se filmaram algumas provas olímpicas e quais os ensinamentos que podemos tirar de tudo quanto ali foi feito.

Ao mesmo tempo, o meu documentário servirá para demonstrar uma das muitas possibilidades e vantagens do cinema em formatos reduzidos, pois teria sido absolutamente impossível a um particular, que nem por sombras é nababo e sem que arruinasse o seu futuro, filmar em película

normal de 35 mm. um tão copioso conjunto de aspectos e uma tão evocadora recordação de viagem.

ANTONIO DE MENESES



Em cima: Leni Riefenstahl, no Estúdio Olímpico, dá todas as explicações sobre o seu trabalho, aos representantes da Imprensa. Em baixo: O sr. dr. António de Menezes, filmou.

# EM BERLIM



Hitler, chanceler do Reich, e Leni Riefenstahl, realizadora «attirée» dos filmes de propoganda nacionalista, seguem interessadas as tomadas de vistas, aéreas, feitas de bordo dum avião que sobrevoa o campo



Uma filmagem movimentada. Leni segue interessada o trabalho da câmara



Montado sobre um enorme camião eis a praticável utilizada para o filmagem de desfiles

# O QUE PENSA SOBRE O CINEMA NACIONAL?

## Tem a palavra o Sr. Dr. Felix Ribeiro

ERAM cinco horas da tarde quando chegámos ao Secretariado da Propaganda Nacional. O sr. dr. Félix Ribeiro vem ao nosso encontro e conduz-nos ao seu gabinete de trabalho.

Desnecessário se nos afigura apresentá-lo aos nossos leitores. O sr. dr. Félix Ribeiro, jornalista inteligente e culto, foi um dos mais esforçados propagandistas da arte cinematográfica, no período «heróico» da sua expansão entre nós. No Bloco H. da Costa, teve ensejo de pôr as suas qualidades ao serviço da produção fílmica. E, actualmente, é um dos mais directos auxiliares da feliz campanha cinematográfica que o S. P. N. está levando a efeito.

O Dr. Félix Ribeiro fala-nos do *Cine-Jornal*, e tem algumas palavras amigas que muito nos sensibilizam.

Explicamos-lhe o fim da nossa visita.

— Tenho acompanhado o inquérito declara-nos o nosso entrevistado — Leio sempre com interesse tudo o que em prol do cinema nacional se escreva. Era a ocasião oportuna de inquirirmos o seu parecer sobre o momento actual do cinema português.

Eis a resposta:

— Penso que o actual momento é aquele em que os fados mais propícios se mostraram ao desenvolvimento e ao engrandecimento da cinematografia portuguesa. Parece, de facto, ao contrário do que seria levado a supor-se, que as dificuldades do sonoro vieram tornar mais intensas as actividades em prol do cinema nacional. Na realidade, em época alguma se cuidou com mais carinho, com mais interesse, mais a sério, enfim, o nosso cinema.

Ilá neste momento realidades — filmes acabados de sair dos estúdios, outros em plena realização. Os projectos, também não faltam.

Parece-me ser este, por consequência, o momento único para que o público estabeleça as suas confianças no cinema português, o que nos leva a encarar, com optimismo, os projectos em vista.

Uma vez que o Dr. Félix Ribeiro nos falou dos nossos filmes em realização achámos interessante ouvir o que a seu respeito pensava. E em meia dúzia de palavras, é sintetizada a sua valiosa opinião.

Ouçamo-la:

— O meu parecer é o mesmo que tenho sempre com todos os filmes em realização: a maior confiança e a melhor expectativa em relação aos esforços das pessoas que os dirigem, e que sabemos serem sempre os melhores. Por isso aguardo com alvoroço a estreia

de *A Revolução de Maio*, de *Bocage* e da *Cangão da Terra*, confiado na competência segura de António Lopes Ribeiro, no sentido de espectáculo de Leitão de Barros e no entusiasmo cinematográfico de Jorge Brum do Canto.

— Julga ser ainda precisa a colaboração de técnicos estrangeiros, nas produções nacionais?

O dr. Félix Ribeiro medita um pouco e responde-nos:

— O problema, pôsto assim, parece-me de resposta um pouco embaraçosa.



O sr. Dr. Felix Ribeiro

— De acôrdo. Mas é adepto da entrada de estrangeiros no nosso cinema?

— Quanto a mim, e isto será, talvez, uma opinião muito pessoal, o facto, de um determinado filme, incluir entre o seu «billings» técnico, por exemplo, um operador, ou um caracterizador, ou um decorador estrangeiros, contanto que a parte propriamente de concepção seja obra de portugueses — realização, argumento, música, interpretação — não me parece que esse facto possa diminuir em nada o carácter nacional duma produção. E isso tanto mais se um qualquer daqueles elementos vier valorizar realmente uma obra concebida e realizada por portugueses.

O que não quer dizer — se bem que estejamos ainda no início de uma actividade tão complexa como é a produção de filmes — que não tenhamos nos vários sectores, e em alguns dêles tão proficientes como os que porventura nos pudessem vir de fora, pessoas que com a sua boa vontade, a sua perseverança, a sua inteligência profissional possam desempenhar-se cabalmente das suas respectivas funções.

Falámos, depois, do recrutamento para intérpretes de filmes.

— Diga-nos: acha necessária a criação duma cadeira de cinematografia no Conservatório Nacional?

— Não só a não considero necessária, como considero indispensável não a criar.

Infelizmente existe uma longa experiência do que têm sido, no estrangeiro — e até mesmo em Portugal — as pseudo escolas de cinema, de ensino directo ou por correspondência...

A única e verdadeira escola de cinema — continua o sr. dr. Félix Ribeiro — é o trabalho no estúdio ou fora dêle, em frente ou ao lado dos aparelhos de filmar, e coisa, também, importantíssima, a visão continuada e atenta de filmes, muitos filmes.

— Nêsse caso, entende, que jámais se deve acolher com cepticismo a noticia de que determinada pessoa, que nunca dirigiu, ou interpretou filmes, vai dirigir ou interpretar uma obra de cinema?

— Sem dúvida. Em boa verdade, não precisa para tal de diplomas, como lhe não basta o simples facto de ter visitado estúdios ou laboratórios, por melhor que sejam.

O cinema americano prova-nos, todos os dias, a existência duma verdadeira intuição cinematográfica que se aprende, mas não se ensina. E sem mesmo recorrer ao maravilhoso exemplo americano, casos recentes na Europa, como o do francês Richard Pottier ilustram esta teoria que nada tem, aliás, de original.

Quanto aos chamados principios elementares de técnica cinematográfica, são afinal de contas tão simples, que não vale a pena criar complicadas cadeiras, com programas tão vostos como fantasistas: podem lêr-se em qualquer manual de onze ou quinze francos...

— Julga indispensável a protecção, por parte do governo, à indústria cinematográfica?

A resposta é rápida, concreta.

— Mal de nós se a tivermos de considerar como indispensável. A verdade é que até agora se têm produzido filmes de êxito sem recorrer àquela protecção, excessivamente ampla, que alguns desejariam, esquecendo aquilo que eu não esqueço e que nunca será demais salientar: o decreto 22.966 que tornou possível a Tôbis; o aditamento 23.866, que tornou extensiva a todos os produtores portugueses essas importantíssimas vantagens com que o Governo brindou o cinema português.

Além disso, e temos elementos para o poder afirmar, estamos convencidos de que não ficarião por aqui as medidas

que o Governo português decretará a favor do cinema nacional.

Estava quasi terminada a nossa entrevista. Mais perguntas eficaríamos satisfeitos.

— O S. P. N. pensa patrocinar a realização de mais alguns filmes?

— O Secretariado da Propaganda Nacional, fiel ao seu programa, no que respeita ao campo cinematográfico, continuará a dedicar ao cinema, como meio de propaganda politica, todo o interesse que um tal valor justifica.

— A produção de filmes por sua conta prosseguirá?

— Sim, mas, defendendo as suas características dos meios que para tal se lhe proporcionarem. Para o próximo ano, além de continuarmos fornecendo documentos portugueses a alguns dos mais importantes jornais de actualidades cinematográficas, como a «Fox Movietones», o «Eclair Journal»; os jornais da «U. F. A.» e da «Gaumonts», o S. P. N. iniciará a realização de uma série de filmes objectivos sobre alguns dos vários melhoramentos que o pais fica devendo ao Estado Novo.

— E acerca da estreia de *A Revolução de Maio*, pode-nos dizer alguma coisa?

— Da melhor vontade.

Pelo adiantamento em que se encontram os trabalhos não é difficil calcular que no principio da próxima época o público possa ver esse novo filme de António Lopes Ribeiro que, depois de ter causado no meio cinematográfico verdadeira surpresa, pela ordem, pelo método e disciplina como decorreram os seus trabalhos de realização — facto por assim dizer inédito no cinema português... — irá surpreender o espectador pela segurança e clareza cinematográfica do trabalho impecável de António Lopes Ribeiro, como por outros elementos de grande valia — o seu argumentum cheio de interesse e de movimento; a interpretação acertada e justa de alguns dos mais brilhantes actores do nosso teatro, e, sobretudo, a estreia de dois novos — Maria Clara e António Martinez — uma autêntica revelação; a valiosa direcção musical do maestro Pedro de Freitas Branco; os «décors» de António Soares, duma justeza e duma beleza notáveis, o esplêndido som do eng. Brito Aranha, sem esquecer, claro, a maravilhosa fotografia de Isidor Goldberg, que ficará sendo, sem dúvida, a mais bela fotografia aparecida em filmes portugueses.

E assim findou a interessante entrevista que o sr. dr. Félix Ribeiro teve a amabilidade de nos conceder.

# SHIRLEY

# TEMPLE

“for

ever” ...



fissionais fazem, o muito menos tão novas.

Shirley, se, por casualidade, perde por momentos o ritmo da música, recobra-o instintivamente. Depois, possui a vantagem de ter uma figura bom proporcionada o tão esquisita que apetece vê-la. O «Direito de querer», «O passarinho madrugador» e o «Bailado dos peixes», serão canções que, graças aos bailados e à música que os acompanham, dificilmente abandonarão os ouvidos do público.

Talvez se não saiba que esta atriz de palmo e meio esteve há pouco para ser a causa de uma nova guerra civil nos Estados Unidos? Foi o caso que o governador do Texas lombrou-se de a nomear filha adoptiva daquele Estado. Porém, Shirley vive na Califórnia, e o respectivo governador opôs-se terminantemente à iniciativa do seu colega do Texas, pois pretende que Shirley se torne uma cidadã permanente da Califórnia. Um sarilhol

A terminar, vou contar-lhes o seu último dito de espírito. Shirley, que acabara de filmar, descansava no estúdio na companhia de Sara Haden, quando passou H. G. Wells, o extraordinário autor de «Things to come». «Quem é este senhor?», perguntou Shirley, com a sua natural vivacidade.

«É Wells, um dos maiores escritores do mundo», respondeu Sara. Shirley meditou profundamente e, decorridos alguns minutos, retorquiu: «Não pode ser, o meu pai é o maior homem do mundo e, depois dele, vem o governador!...»

M. C.

STA Shirley tem sempre actualidade.

Tanta como Roosevelt, o Exército de Salvação ou a recente proeza aérea rei dos «bars» americanos. Desperta até os interesses que o lento labor dos sábios Universidade de Haward para dominar bacilo de Koch ou qualquer outro do amo pernicioso efeito.

As populações cinéfilas dobram-se com a novidade sobre o noticiário da América Norte, prescrutando a última gaitice «grande pequena artista». E é raro não ver qualquer local a seu respeito: menções de admiração das suas contendas de menos de quinze anos; brindes de cantadoras bonecas que fazem roer de inveja as «meninas de ouro», filhas dos magnatas de Wall Street; manifestações lirantes nos cinemas de todo o mundo; «Asias» que se aproveitam da semelhança para usufruir vibrantes e tomos aplausos, etc., etc.

Shirley Temple ocupa nas colunas dos jornais mais de além-Atlântico um lugar principal em competência com Ford, a N. R. e o velho Rockkeller. Há quem diga mesmo que no jornal especial que este lê (um jornal que não fala nem de guerras, nem de crise, nem de assassinios ou roubos) Shirley Temple surge frequentemente, com o habitual sorriso, nas múltiplas manifestações da sua vida artística.

Do facto, haverá nota mais alegre que o jovial de Shirley, a um tempo garoto e levante, para amenizar os noventa e tantos anos do rei do petróleo, cuja vida decorre numa atmosfera de estufa onde não

chegam as tragédias da terra e os ódios recíprocos dos seus habitantes?

Shirley é hoje, nos Estados Unidos, uma personalidade de tanta ou mais importância do que foi, nos seus tempos, o utópico Wilson. Degradiam-se agora os partidos para a conquista da cadeira presidencial. Aos democráticos apetece-lhos fritar os republicanos como nos ferros dias da Idade Média, e vice-versa; porém, há um ponto comum que os une, que os torna meigos como cordeiros, a-pesar-de tão figadal inimizade: a admiração por Shirley que, se aspirasse a substituir Roosevelt, alcançaria 99 % da votação (tiro 1 % porque em toda a parte há desmancha-prazeres).

Enquanto escrevo estas linhas contemplo duas curiosas fotografias de Shirley: numa, aparece-nos fardada de militar no novo filme da Fox «A pequena rebelde» e, na outra, vestida de «lobo do mar», ao lado de um autêntico marítimo, a que não faltam as indispensáveis e tradicionais borbas. Trata-se de uma cena do «Anjo do farol» e o rosto de Shirley reflecte espanto e ansiedade traduzidos de maneira magistral, traduzidos à Shirley...

Jack Donshue, que dirigiu os bailados do filme, classificou Shirley como a mais exímia bailarina da sua idade que tem encontrado até hoje. O segredo do talento de Shirley como bailarina reside não só na sua admirável sensibilidade rítmica, como também numa rara habilidade histriónica, visto que pode expressar maravilhosamente a reacção emotiva da dança que executa, coisa que muito poucas pro-





# UM MÊS DE FILMAGENS NA ILHA DE PORTO SANTO

O que foi um mês de filmagens na ilha de Porto Santo! É difícil calcular. O calor era abrasador, e em certos sítios não havia água, ou se a havia era barrenta. Não poucas vezes nos vimos obrigados a bebê-la.

Foi penosa a subida ao ponto mais alto da ilha, o pico do Facho a uma altitude de mais de oitocentos metros, por cima de rochas e cardos que nos rasgavam os fatos e massacravam as pernas. Mortos de fadiga e de sede, sem uma gota de água, sem uma sombra a que nos pudessemos recolher por momentos dos ardentes raios do Sol. Era bem a vida do camponês daquelas terras. Vivemos como eles, a vida mártir em que o trabalho é o único objectivo, em que a seca é o grande sofrimento. Suportámos o que eles suportam, tal qual como eles cavámos a terra seca, rochosa que se irrita a cada enxadada e que resiste à força do homem. Mas houve boa camaradagem. A alegria com que todos procuravam ajudar nos trabalhos, carregando com reflectores, ajudando a levar o «charriot»! A tristeza dum dia sem trabalho, o desespêro que nos dava o sol encoberto!

Nunca mais me esquecerei do mês de trabalho e de alegria.

Chegámos a fazer diariamente 32 planos e nunca deixámos de realizar menos de 27. Um «récord», um verdadeiro «récord» que a competência de Brum do Canto e de Aquilino Mendes bateram. Só quem sabe o que são filmagens pode avaliar quanto esforço é necessário para trabalhar assim!

Brum do Canto e Lázaro Côte Real tinham preparado tudo para nos tornar leve o trabalho. Aquilino Mendes levava a sua tarefa bem estudada para facilitar a tomada de vistas tomando o menos tempo possível. Tinham todos o desejo de tirar o maior rendimento de tudo. Nós, os actores, desejosos de colaborar com eles bem sentíamos a violência do trabalho.

## Um artigo de Barreto Poeira, o protagonista de «A CANÇÃO DA TERRA»

As 5 da manhã já Fernando de Barros que foi um precioso auxiliar nos acordava, enquanto Lázaro e Antero Faro andavam tratando da cena a filmar.

Quando chegávamos ao local escolhido tudo estava preparado. Poucos minutos esperávamos por Brum do Canto, a quem uma disciplina férrea fazia ser o mais árduo trabalhador. Nunca lhe ouvimos uma palavra de aborrecimento. Nunca demos por ele. Na sua bóca havia sempre as mais vivas e alentadoras expressões.



Em cima: Porto Santo, na sua beleza selvática. Em baixo: Barreto Poeira, na figura do protagonista

Lembro-me que quando fizemos a cena da Capela de Nossa Senhora da Graça, que fica a meio da subida do Pico do Facho, fomos eu e Elsa Rumina enlaçados, verdadeiramente comovidos. Succediam-se os planos, os *travelling* com mestria, com uma certeza que não cortavam a emoção da cena. Quando lá entrámos a capela estava artisticamente ornamentada de flores brancas, flores campestres. A nossa emoção era tão sincera que todos chorámos.

António Morto é um homemzarrão que faz o segundo papel do filme. Dir-se-ia que estava couraçado para os sentimentalismos. Pois as lágrimas corriam-lhe pela cara. Todos choravam. Mas Brum do Canto, com os olhos marejados de lágrimas, não dava parte de fracço, escondia sob uma máscara rígida tudo quanto lhe ia na alma.

Foi o momento mais emocionante do nosso trabalho.

Jámais esquecerei essa hora.

Elsa conseguiu conquistar Porto Santo com a sua simpatia. Todos lhe queriam muito. Foi a nossa madrinha de Guerra. Nunca no seu rosto transpareceu o mais pequeno sinal de aborrecimento, para todos tinha uma palavra amável, um acto de carinho. A ascensão ao Pico do Facho, que é um caso sério, foi muito acidentada. O trabalho chamava-a lá ao cimo e a camaradagem também. Pois isso tinha que lá chegar e chegámos todos.

No alto do pico do Facho, nem uma gota de água havia. O sol torrido era insuportável. Tivemos que trabalhar nus da cintura para cima. Foi a única maneira de terminar o trabalho. Nos últimos dias da minha estadia lá, Antero

Faro que teve de ir à Madeira em serviço foi substituído por Fernando de Barros, que fez prodígios, como *maitre*, assistente e *script-boy*. De tudo ele se encarregou com alegria, tudo realizou com carinho e competência. Confesso que fiquei encantado com os nossos camaradas de trabalho. Oscar de Lemos parece irmão dos irmãos Marx. Sempre pronto a rir, e a fazer rir. Era impagável.

Também trago uma comovida recordação de toda a gente do Funchal, nomeadamente o sr. dr. João Abel.

A noite da partida! Quando estávamos a jantar, o João, rapaz que nos acompanhava nas filmagens, vem receber ordens de Lázaro Côte Real. Explicou-lhe ele que se ia embora e portanto que fosse receber ordens de Aquilino Mendes. O nosso João transtornou-se, as lágrimas corriam-lhe pela cara, os seus lábios esboçaram palavras de despedida, palavras que adivinhávamos entre soluços. Tivemos que nos levantar depressa para não chorar também. Mas a despedida atingiu o auge da comovição. A noite estava de temporal. As melhores famílias acompanharam-nos à praia. Era meia noite. Abraçaram-nos. Velhos amigos não se separam mais comovidos.

O mar estava picado. As ondas repeliam a canoa para terra, como se quisessem atirar-nos de novo para os braços dos que ficavam. Foi necessário que dois homens entrassem na água até à cintura, e empurrassem o barquito. E as lágrimas deslisavam-lhes pelas faces mortificadas. Também tínhamos os olhos rasos de lágrimas.

A bordo do «Lima», Oscar de Lemos, o louco folião, abraça-se a um chorando. Outro tanto fez Fernando de Barros. Foram as últimas despedidas.

Ainda hoje, e já lá vão alguns dias, se razam os meus olhos de água, lembrando-me desta cena!

BARRETO POEIRA

O Comissário Wellman, acendeu o cachimbo e começou a fazer o seu relatório acerca do «caso Vincent»:

«Pelos 21 horas do dia 13 do corrente, encontrava-me de serviço, no Comissariado. Um homem, que declarou chamar-se R. L. Vincent, magnate da indústria, pediu para ser atendido imediatamente pelo oficial de dia, «pois tinha graves declarações a fazer».

Profundamente alterado, reflectindo no rosto uma grande preocupação, R. L. Vincent relatou-me o motivo da sua inquietação e seu desgosto: O filho, garoto de 12 anos, fugira de casa, pela manhã, e à boca da noite não voltara. Ingenuamente, numa folha de papel, expusera aos pais, os motivos da sua decisão: Fugia, para sempre, pois não podia consentir que lhe tratassem mal o seu lobo de Alsácia, que é idólatra e considerava o seu maior amigo.

«Foram dadas ordens às diversas brigadas para bater os caminhos e deter todas as crianças com sinais que coincidissem com os do pequeno Freddy L. Vincent...»

Mal tinha acabado de escrever estas palavras quando dois agentes irromperam. Vinham ofegantes, congestionados, com o fato em desalinho e ferimentos visíveis.

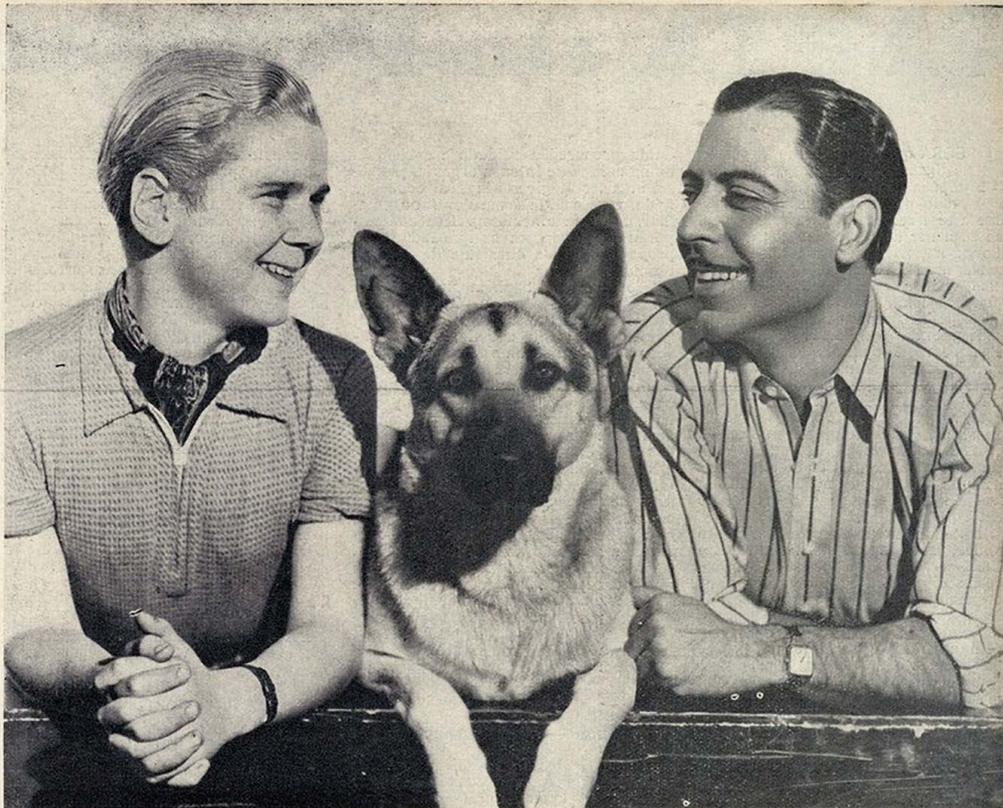
— O que há?! voltou o chefe inquieto.

— Joé... Atacámos o carro em que seguia com outros «gangsters». Travou-se batalha. Simpson e Ryan ficaram estendidos no chão, mortos. Conseguiram fugir, se bem que atingidos pelas nossas balas. E no «camião», onde seguiram, vimos um garoto aloirado com um cão, um lobo de Alsácia...

— O pequeno Vincent, decerto! Raptado?!... Telefonem ao Pai...

\* \* \*

Freddy, dentro do «camião», dava balanço à situação. Cansado de palmilhar estradas e estradas, na sua fuga para o



## A PRIMEIRA AVENTURA

desconhecido, Freddy e o seu fiel companheiro encontraram providencial abrigo naquele grande camião coberto. Sem que o motorista e os dois viajantes, que seguiam no banco da frente, dessem por tal, introduziram-se lá dentro. Galgaram assim, quilómetros e quilómetros, nas estradas desertas, envoltas nas trevas.

De súbito, na esteira da luz dos faróis, recortaram-se uns vultos. Pareciam armados. O pesado camião estacou... Ouviu-se fuzilaria intensa, de lado a lado. Depois, o carro seguiu, com o dóbroy da velocidade. No chão, Freddy distinguia dois polícias. Outros dois, de joelho em terra, faziam fogo sobre o veículo.

O carro, a toda a velocidade, corria pela estrada que dava acesso à montanha. Junto duma casa deserta, estacou. Os bandidos desceram. De dentro do carro, Freddy e o seu cão aventuraram-se a sair...

Joé, antes de os ver, pressentiu algo de estranho! Mas quando deu, face a face, com o garoto, o seu ódio, o seu despeito e o seu temor não se contiveram numa imprecação.

Agarrou o pequeno pelos ombros e gritou-lhe:

— Onde entraste, malandro?

— Na paragem que fizeram em «Green Villages», para meter gasolina.

— Então assististe a tudo?

Freddy assentiu com a cabeça. O cão afastou-se, protegido pela sombra. E o garoto, empurrado, entrou no antro dos bandidos, que Joé chefiava.

\* \* \*

No quarto, onde o haviam metido Freddy não sonhava sequer o que se passava, no andar de baixo. Joe nudara um dos seus sequazes assassinar o pequeno, testemunha perigosa da sua proeza, nessa noite.

Mas uma surpresa aguardava o chefe. A quadrilha estava revoltada, por causa duma questão de partilhas e Joe leve que se impôr, antes de que o bandido,

que devia chacinar o pequeno, se dispusesse a subir ao andar de cima.

A Providência veio, porém, em auxílio do rapaz. Ao longe sentiam-se as sirenes dos carros da polícia. Era preciso abandonar, quanto antes, o refúgio. Joe deu ordem para a fuga:

— Vão lá acima buscar esse malandro.

Mas o executor da ordem, volveu num instante, alarmadíssimo:

— O garoto... fugiu!...

De roldão, os bandidos correram para fora. O miúdo ia, com certeza, denunciá-los...

\* \* \*

Freddy conseguira fugir, mas não para muito longe. Quando estava no quarto que lhe haviam destinado como prisão, começou a sentir um ruído estranho no telhado. Alguém procurava deslocar as telhas. Sentindo a esperança renascer, Freddy auxiliou o desconhecido, na sua faina. À medida que os seus esforços iam resultando, acelerava-se, lado a lado, o trabalho para lhe facilitar a fuga. De súbito, uma telha deslocou-se, Freddy viu através dela brilhar as estrelas, no céu — e logo a seguir o focinho inconfundível do seu lobo de Alsácia. Estava salvo! Daí para o telhado foi um salto... E não tardou em entrar dentro de casa.

\* \* \*

Joe foi o último a abandonar o refúgio. Parecia-lhe estranho que o pequeno houvesse conseguido fugir. E justamente quando se dispunha a abandonar, de vez, a casa, um pedaço de telha, rolando pelo telhado, veio cair aos pés.

De relance, Joe compreendeu tudo! O pequeno estava ali em cima. Sem fazer barulho, de pistola engalhada, aguardou. Freddy descia as escadas cautelosamente. E quando julgou chegado o momento, desfecho. Látidos, que traduziam uma dor física enorme, seguiram-se à detonação. Joe deu volta ao inlumprompto. A seus pés, o cão estava prostrado. Saia-lhe do pescoço uma pas-

ta de sangue, viscosa. Sobre ele, ajoelhado, Freddy soluçava!

\* \* \*

Encontravam-se os três, agora, na floresta verdejante, na paz da natureza.

Joe, enquanto, virava, no espêlo, um coelho que caçara, a tiro, com a sua «Parabellum», evocava os episódios que haviam originado aquela estranha situação: em plena mata, unidos por uma amizade recente, que se adivinhava profunda, êle, o garoto e o cão — fugidos da polícia!

Lembrava-se da dor do pequenito, junto do cão ferido. Parecia sentir a aflição de ser apanhado pela polícia, nessa noite fatídica. Não queria largar o miúdo, que era uma testemunha perigosa! Este, por sua vez, não queria abandonar o cão. Sorria ao lembrar-se da cara do velho veterinário, quando operava o animal, e lhe extrair a bala, sob a ameaça do cano da sua pistola. O garoto era encantador. Aquela aventura deslumbrara-o.

Quando Joe, os quis mandar embora, Freddy fez uma cena tremenda. Jurou que se mataria e não iria denunciar. E não houve remédio: teve que o aceitar como aliado.

\* \* \*

Entretanto, a polícia não desanimava. A montanha era, porém, pródiga de esconditijos. Ninguém se aventurava ali. Aviões tentaram descobrir o paradeiro do miúdo e do seu companheiro.

Mas, ao mesmo tempo que a polícia, outras pessoas havia interessadas em raptar o rapaz. Eram os «gangsters», os antigos companheiros de Joe, que pretendiam ajustar contas com o chefe, julgando-se por êle traídos.

Raptando o miúdo, Joe não descansaria enquanto o não encontrasse. Isto é: viria ter ao seu encontro...

Foram estes, de facto, que conseguiram, graças a um ardil, apoderar-se do

(Conclui na pág. 15)



Sob o ameaça da revólver o veterinário fez a extracção do bala



Os ex-companheiros de Joe, audaciosamente, conseguem raptar o garoto



Joe morre nos braços de Freddie, resgatando com o sua boa acção, uma vida de crimes

# CARTA do PORTO

**A** GORA que se aproxima, a passos agigantados, a inauguração da época de inverno, não seria de todo descabido que se emprestasse a esse acto uma certa solenidade, não só a dar à arte cinematográfica o valor, a importância que ela, de facto, possui, mas a tornar solene o advento dessa quadra que todos os cinéfilos aguardam com justificada ansiedade e todo o público espera com interesse.

São públicas e notórias as «soirées» de gala, em todo o mundo culto, quando se trata da apresentação de filmes de nomeada. Lisboa já iniciou essa praxe com alguns filmes nacionais, mas o Pôrto, amda apogado a velhos preconceitos, não quis iniciar uma nova era de distinção, na forma de rodear o espectáculo cinematográfico dum ambiente requintado, dum feição que lhe dê foros de verdadeira manifestação de arte.

Habitados a lidar com o espírito público, sabemos que não faltará quem ache bizarra ou extemporânea a nossa pretensão, quem a ache até descabida, por-que de há muito não estranhámos as incoerências da maioria.

Sabemos que não faltará quem declare que na qualidade dos filmes não influe qualquer protocolo de que se rodeie a sua apresentação.

Também não desconhecemos que há quem se irrite com quaisquer prorrogativas do progresso, ou só da decência, pela simples razão de que têm como única aspiração da vida o poderem de ida andar de sapatos de ouro pelas ruas da cidade.

Mas, nem por isso, ou talvez isso mesmo, é que achamos que há toda a conveniência de a época de inverno, nos nossos cinemas, ser inaugurada com «soirées de gala», enquanto não se puder generalizar esse sistema à apresentação, à estreia dos filmes de maior categoria.

Estamos a ver uns senhores muito respeitáveis, mas que usam elástico nas botas e borraça na cabeça, a considerar um sacrifício a sua presença nesses espectáculos, pela maçada de terem de vestir a casaca.

Ora não se compreende que esse princípio não se generalize ao cinema, só porque há salões populares onde o espectador pode estar até em mangas de camisa e sem gravata.

Também não desconhecemos a velha mania de certos empresários de proclamarem, sempre que a ideia de qualquer inovação é apresentada, o eterno dilema de que o nosso público não está habituado a essas coisas.

Na verdade assim é, mas, também os espectadores não estavam habituados às sessões de moda e, presentemente, esses espectáculos têm um público especial; também há meia dúzia de anos ninguém podia pensar em fazer «matineés» diárias e, no entanto, elas aí estão a realizar-se, em quatro cinemas; também quando se pensou ao cinema sonoro muita gente deitou as mãos à cabeça supondo que estávamos em presença do fim do mundo cinematográfico e hoje ninguém toleraria uma película silenciosa.

O público, está provado, habituou-se a todas as iniciativas lógicas dos empresários, por mais cêpticamente que eles as encarem, e desinteressou-se completamente de todas as inovações que não enaere bem, por mais entusiasmo que nelas ponham os cinematografistas.

De resto a inauguração solene traz muitas vantagens aos cinemas.

É claro, claríssimo como água limpa, que se qualquer casa de espectáculos anunciar, de um dia para o outro, que a inauguração da sua temporada de inverno se realiza com uma «soirée de gala», ninguém dará pelo acontecimento e o que deve constituir um atractivo acaba por ser um aborrecimento.

Evidentemente que tudo necessita

duma preparação cuidada e esta ideia dum cuidado e intensa organização.

Por artes mágicas ninguém consegue nada, e se a vida é um contínuo batalhar, na vida cinematográfica contemporânea, só vencem os que melhor se preparam para a dura luta da concorrência.

Não cremos — também sinceramente o confessamos — que nenhum cinema do Pôrto se abalance, esse ano, a inaugurar solenemente a temporada de inverno. Não acreditamos porque, na verdade, é já tarde para essa preparação e ainda não foi possível demonstrar, cabalmente, praticamente, aos empresários e ao público, a conveniência mútua de assim se fazer. Mas, no livro de apontamentos da nossa memória, fixaremos a ideia e, em tempo oportuno, dela trataremos, na certeza antecipada e absoluta de que quem conhece as várias camadas sociais do público do Pôrto, quem lhe disseque a psicologia, reconhecerá a grande razão que nos assiste.

Riam-se, embora, os cépticos, a nós ainda não esqueceu que as pessoas que há bons quinze anos mais combatiam o cinema, por o considerarem um espectáculo insípido, são, presentemente, os mais entusiásticos cinéfilos e não pedem, por nada, o mais insignificante filme.

Portanto, demos tempo ao tempo.

## Propaganda — a grande necessidade

Nunca é demais insistir na grande utilidade, na enorme conveniência de as empresas cinematográficas organizarem, convenientemente, a sua propaganda, a publicidade das suas casas e dos seus filmes, dentro do maior e melhor sentido de expansão.

Há ainda muita gente, nesta cidade, que vai ao cinema por desfastio, para matar o tempo. Todas essas pessoas, cuja atenção nunca foi chamada para o cinema, por uma eficiente propaganda, podem, amanhã, quando a sua curiosidade for chamada para as altas conveniências e vantagens da arte cinematográfica, tornar-se dos melhores «habitues» das casas de espectáculo.

É também muito grande o número das pessoas que nunca vão ao cinema. Ora é esse terreno que é necessário desbravar, que é indispensável arrotear, o que naturalmente só se consegue com bastante trabalho e persistência.

Mas, desde que está provado que a percentagem da população dos cinemas ainda não é a que podia e devia ser, tudo parece indicar que uma campanha intensa e profícua devia ser feita, atinente a aumentar a cifra dessa percentagem.

Naturalmente que isso não se consegue com a publicação de meia dúzia de anúncios nos jornais. O mal é grande e, por isso, demanda um intenso tratamento, mas não é mal que não tenha cura e o seu custo será semente lançada em boa terra e, portanto, facilmente germinará para dar bom fruto.

É possível, muito natural mesmo, que se persista num espírito de economia, de compressão de despesas, o que reputamos de grave erro.

Não consta que um doente se cure com o espírito de economia do médico, mas com a aplicação de medicamentos que a enfermidade exige. Ora desde que o mal da insuficiência numérica do público tem cura, se se olha à conta da farmácia, em vez de se ter em consideração a qualidade eficiente dos remédios, então é certo e sabido que a enfermidade persiste e o doente continuará a arrastar as suas maleitas.

Muita propaganda, intensa propaganda, publicidade inteligente e cuidadosamente preparada, é que é preciso, para não correremos o risco de termos de dizer adeus ao progresso.

Não podemos persistir na impressão, na verdadeira mania, perdêmo o tempo,

de considerar a publicidade uma despesa. Ora para que assim não seja é indispensável que o capital nela empregado dê o resultado compensador.

E daí-o, podemos ter a certeza. Se, entretanto, houver quem esteja convencido do contrário, podemos garantir que labora num crasso erro.

No Pôrto nunca se fez, a um cinema ou a um filme, uma propaganda, cara ou barata, devidamente organizada, profundamente estudada. Tudo o que se tem feito é repetir, com pequenas diferenças na apresentação, tudo quanto se tinha feito anteriormente.

Bem sabemos que os práticos responder-nos-ão com as suas experiências, mas as suas tentativas, com as suas demonstrações.

Baldado esforço. Continuaremos a repetir que no Pôrto nunca se fez publicidade cinematográfica, apenas, quando muito, tem-se gasto dinheiro em coisas parecidas com publicidade.

O que é ainda mais lamentável.

## Cinema tricolorido

Dissemos oportunamente do entusiasmo com que esta cidade aguardou o primeiro filme tricolor e referimo-nos ao sucesso com que êle foi recebido.

Pessoas há, muitas mesmo, que só muito excepcionalmente vêem um filme mais que uma vez, que assistiram à exibição de *La Cucaracha* três, cinco e sete vezes!

Não é, pois, de estranhar que sejam da mesma forma ansiosamente aguardados os dois filmes feitos pelo mesmo processo que se anunciam para a época que breve surgirá.

A eterna sinfonia das côres será sempre o melhor atractivo para os olhos dos portugueses.

A *Feira da Vaidade*, que já devíamos ter visto a temporada passada, e *O Pirata bailarino*, duas películas de grande metragem que fazem parte dos programas da RKO-Rádio, vão, certamente, fazer delirar o público português e, naturalmente, todo o público português, porque, segundo nos informam, constituem verdadeiras apoteoses de cor e movimento, formando espectáculos verdadeiramente aliantes.

## Cinema Rivoli

Está definitivamente assente que o popular cinema da rua do Bonjardim, esta época, vai dedicar o melhor do seu tempo à exploração teatral.

Sem, contudo, deixar de exhibir os seus programas cinematográficos, estes preencherão apenas um reduzido número de meses, servindo apenas de intervalo, quando houver necessidade, à apresentação das diversas companhias que desfilarão pela sua sala.

CARLOS MOREIRA

## Stadium

**A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal**

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

Tem 16 páginas cheias de óptimas e flagrantes gravuras por 1 escudo

# Faria, Lda

**TODOS OS  
FOTOGRAFIA**

**TRABALHOS PARA  
AMADORES**

**GALERIA  
FOTOGRAFICA**

**TEL. 2 8836**

**R. AUGUSTA, 110, 118/ LISBOA**



...que refresca, que garante a supressão do odor, afasta todo o mal estar consequente dos períodos e evita dores e inflamações, é um preparado necessário para o hygiene do mulher.

Um único ensaio assegurará o seu superioridade e de tal forma, que em casa, em sociedade, em viagem, passeio ou «sport», COSMETINA se tornará indispensável.

COSMETINA não é um simples perfume cujo eficacia seria irisório.

É um cosmética de base científico absolutamente eficaz e seguro.

**ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA**

**Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA**

**A vende nas boas cosas**

**As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA**

**CINE - JORNAL**  
GRANDE SEMINÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO  
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. de Condesa do Rio 27

Telefone 2 1268 e 2 1227

Comp. Impressão e Gravuras BRERTRAND (Irmãos), Lda

Trav. de Condesa do Rio 27 — Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano .....	48\$00
25 " 6 meses .....	24\$00
12 " 3 meses .....	12\$00
Estrangeiro e Colónias. 52 num. 1 ano .....	65\$00

**VISADO PELA COMISSÃO  
DE CENSURA**

# MARGEM DO CINEMA

obteve um contrato na Hal Roach. Laurel, que não havia ainda conseguido convencer os directores das suas faculdades histriónicas, trabalhava como realizador. Foi um acaso que lhe permitiu revelar-se. Hardy queimou-se numa mão. Para não atrasar as filmagens, Laurel substituiu-o. E Hal Roach, assim que viu os primeiros metros de filme, voltou:

— Não perca mais tempo como realizador. Dedique-se à interpretação.  
— Sou absolutamente da sua opinião. E se «armeia» em realizador foi apenas por um motivo: não consigo viver sem comer.

Realizaram-se três comédias com Laurel & Hardy. Três êxitos rotundos. A ideia de se opôr o Bucha ao Estica, provocava, por toda a parte, as maiores gargalhadas. Tornaram-se inseparáveis. A sua reputação estava feita.

Agora estão ao abrigo de todas as vicissitudes — e vivem retirados nas casas que as suas fortunas recentes lhes permitiram adquirir. Continuam a manter a simplicidade doutros tempos e não se interessam pela vida mundana. Ambos afirmam dever mutuamente o êxito. E constituem um dos raros exemplos de artistas que a popularidade não desmentiu.

## A Primeira Aventura

(Conclusão da pág. 13)

rapaz. O cão, na defesa do dono, arremeteu contra dois dos bandidos. Depois, vendo que nada faria com tão numerosa quadrilha, seguiu o automóvel, onde, amordaçado, ia o dono.

Mais tarde, Joe foi preso. A sua única ambição era que lhe dessem umas horas de liberdade, para salvar o pequeno. Conseguiu libertar-se dos captivos — e correu ao batelão, atraçado ao cais, que sabia ser um dos esconderijos da troupe.

\* \* \*

Com mil cautelas, penetrou a bordo. Chegou à fala com o garoto. Com um daqueles golpes de audácia em que era mestre, imobilizou, sob a ameaça do seu revólver os bandidos, reunidos num dos compartimentos. Desarmou-os. Mandou-os sentar em redor. O lóbo de Alsácia pôs uma mesa, na frente dos bandidos, ficou de sentinela. O primeiro que se erguesse já sabia: seria estrangulado por êle!

Joe soltou Freddy do seu cativeiro. Um dos bandidos, porém, que se encontrava fora do barco, deu conta da situação. Trouvou-se uma luta feroz. Os dois homens rolaram pelo chão. Joe ferido de morte caiu, de chofre.

Entretanto, a policia interveio. Freddy precipitou-se para os braços do seu amigo, que morreu instantes depois.

Os agentes fizeram bom trabalho. Toda a quadrilha foi presa. E Freddy regressou a casa, com os pais — que passaram a estimar mais do que nunca o valente lóbo de Alsácia, companheiro do filho, na sua primeira aventura.

MÁRIO AUGUSTO

**BREVEMENTE**  
UM NÚMERO  
COMEMORATIVO  
DO  
1.º ANIVERSARIO  
DE  
**CINE-JORNAL**

Assim, como se pode admitir que as nossas artistas de cinema sejam escolhidas entre as raparigas bonitas da nossa terra?

Daqui fazemos um apêlo a todas as feias simpáticas, a todas as *feias-bonitas* de Portugal, para que se apresentem em todos os concursos futuros para a escolha de artistas para o Cinema Nacional. E, quando se puserem em frente do espelho e êle lhes chamar feias (os espelhos, às vezes, têm desses gestos desledegantes...) lembrem-se da Greta Garbo, da Katherine, de tantas outras, enfim, que não conseguem ser bonitas, mas que são grandes, enormes, indiscutíveis *Artistas!*...

### Ritmo

Vivemos numa época de aceleramento, a que o Cinema não pode fugir. Vive-se intensamente, num ritmo rápido mas incerto, que é preciso saber acompanhar para andarmos certos com a hora que passa. Os nossos sentidos exigem rapidez, vertigem, soluções rápidas de conflitos aposentados, novas formas de resolver velhos problemas.

Nesta *mudança de ritmo*, neste *novo andamento*, o Cinema ocupa um lugar principal, já pela sua qualidade de espelho de factos e de ideias, já como arte que conseguiu interessar a Humanidade sempre insatisfeita, sempre ansiosa de novas emoções.

Porque assim é, cabe ao Cinema, mais do que acompanhar o ritmo da vida moderna, excedê-lo no que êle tem de trepidante e vertiginoso, apresentar-nos, como numa profecia, como serão vividos, futuramente, factos presentes.

Cinema generoso *drama antigo*, *cinema lento*, *cinema-retardador*, não pode interessar os cinéfilos de hoje. Dá o inucesso de algumas produções a que algumas pessoas, de espirito excepcionalmente retrógado, ligam ainda a im-

portância e o carinho que nos merece uma recordação...

### Concursos

Dia a dia, os jornais de Cinema de todo o mundo abrem concursos entre os seus leitores, a fim de chegarem a esta conclusão, fundamental e grave: — Qual a artista de Cinema preferida do público cinéfilo?

E verifica-se esta coisa desoladora: — A artista que hoje obtém maior número de votos, é amanhã, em concurso idêntico, alirada para um lugar no final da primeira dezena — quando não lhe cabe em sorte ficar esquecida entre as últimas!

O que motivará êste rápido afastamento do público daquela que, até há pouco, considerava como a *melhor do mundo?*

Já li, algures, palavras de alguém que explicava o facto com relativa facilidade: — «As vencedoras eram destronadas... simplesmente porque apareciam outras de que o público cinéfilo gostava mais».

A explicação é, em parte, lógica. Mas falta-lhe qualquer coisa, que não resistimos à tentação de transmitir ao papel. É que, bastas vezes, é o argumento dum filme o causador de qualquer artista, por mais querida que seja, cair no desagrado do público.

Há espectadores que *vêm sempre a artista através dos papéis que interpreta*.

E aqueles senhores que dantes, no teatro, pateavam o *cinco da peça*, naquelles dramalhões de *faca e alguidar*, estão bem substituídos por aquellas meninas cinéfilas, que vêem nos artistas simplesmente aquilo que êles representam na tela...

A mór parte das vezes, se essas pequenas conhecessem, pessoalmente, os seus ídolos, a desilusão seria atroz...

Ora, em nosso entender, nessas votações, aberturas nas páginas das revistas de Cinema, aos cinéfilos entusiastas, influi, grandemente, a impressão que o último filme exibido no Cinema do Bairro deixou no espirito suggestionável da espectadora...

Ginger Rogers, — para muitos indiscutível, — há-de ser, como as outras, última do primeiro filme mau em que a meterem...

Vocês verão!...

ANIBAL NAZARÉ

## PARA ALÉM DO RISO...

(Conclusão da pág. 7)

dio, a fim de economizar o dinheiro do transporte — o pôs às portas da morte.

Se voltarmos a Stan Laurel encontramos-lo ainda com os comediantes de Karno que, em 1911, encorajado pelos seus êxitos em Inglaterra, embarca, com catorze artistas, Charlot e Laurel incluídos, num vapor, a caminho da América. Laurel ganha agora quinze dólares por semana e Cresus é pobre — em relação a êle! Durante êcrea de quatro anos, percorre os Estados Unidos, economizando do centimo a centimo — pois os hotéis levam-lhe tudo. A troupe vai-se e Laurel fica por Baltimore, Filadélfia, Nova-York, etc.

Conseguira amealhar 800 dólares e propunha-se fazer concorrência a Rockefeller, quando, uo comboio, pela algibeira rasgada, descobriu que lhe haviam roubado a carteira.

Foi pouco mais ou menos nessa altura que o nome de Hollywood o começou a perseguir como uma obsessão. Por vias diferentes, Laurel e Hardy chegaram à Cidade do Filme. Imediatamente, Hardy, com a sua gordura, o seu sorriso, os seus ares importantes,

EM Portugal, terra onde o Cinema interessa demais algumas raparigas, para, infelizmente, interessar outras de menos, continua a pensar-se, erradamente, que, para ser-se actriz de Cinema é essencial ser-se bonita. Puro êrro é êsse, que tem afastado, do campo cinematográfico, tanta rapariga que poderia trazer consigo uma vocação.

É freqüente ouvir-se dizer, com a convicção duma certeza:

— Fulana é bonita... É uma pena não ir para o Cinema!

É a menina, porque é bonita, procura, por intermédio dos seus conhecimentos, entrar num filme. É por isso que nós já temos visto, no Cinema, sem vida, sem expressão e sem arte, certas caras bonitas nossas conhecidas...

Para se enfrentar a «Câmara» é preciso, acima de tudo, *vocação*. É uma coisa que não se aprende em cursos de cinema, nem sobre o tablado dum palco. Porém, claro está, essa vocação necessita ser maior, imensa até, quando não há, a dirigir a acção da artista através as várias cenas, o pulso forte dum realizador competente. Ora o Cinema procura aproximar-se, o mais possível, da realidade. E, ou muito nos enganamos ou, daqui por alguns anos, as fitas mais ou menos fantásticas não-de ser postas de parte, para dar lugar ao *Cinema-puro*, ao *Cinema-Verdade*, ao *Cinema-Cinema*. E, pretendendo-se obter a verdade na tela, como poderemos conceber que só as mulheres bonitas vivam *em cenário*, quer o ênrêdo seja *fabricado* com os mil e um motivos que salpicam a vida e a enchem de imprevisto, de tragédia, de assunto, enfim?

Provado está que, mesmo na vida real, não são as mulheres bonitas que têm despertado as maiores paixões. É certo que, na história das grandes amores aparecem algumas formosuras. Mas é só por acaso. acreditem...



Tomam, algumas vezes, minha mãe por minha irmã. O seu rosto não tem a menor ruga; a pele e a tez poderão facilmente causar inveja a muitas raparigas. Diz que rejuvenesceu de alguns graças ao simples e regular emprego do Creme Tokalon, Alimento para a Pele, Cór de Rosa, que contém «Biocel», «traído de animais novos, e que tem o extraordinário poder de remoçar uma pele velha e estragada.

No decurso de experiências de nutrição da pele, feitas com Biocel, pelo Professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena, as rugas desapareceram inteiramente e notou-se que músculos flácidos do rosto podiam ser tonificados

e enrijados. O Creme Tokalon, Alimento para a Pele, Cór de Rosa, fornece-lhe à pele, que alimenta enquanto V. Ex.ª dorme, o Biocel que lhe restituirá a juventude. De manhã, empregue o Creme Tokalon, Cór Branca (não gorduroso), para branquear, refrescar e tonificar a pele, suprimir os poros dilatados, pontos negros e sardas. Óptimos resultados são garantidos em todos os casos. senão, o dinheiro ser-lhe-á restituído.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

# CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 49 — 21 DE SETEMBRO DE 1936 — SAÍ TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



*Franchot Tone  
e  
Margo*

**«CINE-JORNAL» É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA**